

## A causa da literatura brasileira em Portugal\*

Arnaldo Saraiva

No início do seu celebrado romance *Small World* defendeu David Lodge que “o congresso dos nossos dias se assemelha à peregrinação da cristandade medieval”, oferecendo os prazeres da viagem mas exigindo alguma penitência. O lugar sagrado foi, neste caso, uma cidade que agora dizem crispada ou deprimida, como se não pudesse dizer-se o mesmo do resto do país, mas que ainda não deixou de justificar viagens e de estimular prazeres – por exemplo: o da conversa com as suas gentes leais e desinibidas, o da degustação da sua variada e bem regada culinária, o da contemplação do seu rio e casario e o do mergulho na sua história singular, que até pode evidenciar a relação privilegiada com o Brasil e com a cultura ou a literatura brasileira. Com efeito, nesta cidade nasceram autores como Pero Vaz de Caminha, Bento Teixeira, Simão de Vasconcelos, Tomás António Gonzaga, ou – para não referir personalidades como Brás Cubas ou a Carolina de Machado de Assis, e para referir autores mais recentes – Carlos Malheiro Dias, Agostinho da Silva, Adolfo Casais Monteiro e Maria Adelaide Amaral. E a mesma cidade inspirou páginas memoráveis de vários escritores brasileiros, como Casimiro de Abreu, João do Rio, José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Cecília Meireles, Erico Veríssimo, Murilo Mendes, Lygia

Fagundes Telles, Marly de Oliveira, António Torres.

Mas este Congresso também implica, para todos os que nele participam, uma viagem simbólica: uma viagem ao Brasil, que desde Caminha tanto seduz os portugueses em geral; uma viagem à literatura brasileira, que já começou a ser internacionalmente reconhecida como uma das mais importantes literaturas modernas; e, enfim, uma viagem à literatura, que ultimamente tem vindo a ser desmoralizada e encurralada por inimigos semi-analfabetos que podem pontificar em jornais e televisões, mas também por linguistas pouco sensíveis ou pouco preocupados com os valores estéticos da linguagem, e até por ministros e professores que acham por bem pôr o Big Brother no lugar de Camões ou de Gil Vicente.

Quanto à penitência de que falava David Lodge – o trabalho de preparação e leitura de uma comunicação, e a assistência à leitura das dos outros – tentámos que não fosse muito pesada, já que não quisemos ultrapassar a trintena de comunicações, e limitámos a 15 minutos o tempo de cada apresentação.

Este Congresso vem na sequência dos que realizámos em 1984 e em 1997, qualquer deles com cerca de 60 comunicações (as dificuldades com que se debatem agora as Universidades

\* Palavras pronunciadas na abertura do III Congresso Português de Literatura Brasileira, realizado na Faculdade de Letras do Porto em 24 de Outubro de 2003.

e as Instituições culturais é que aconselharam o corte em 50%); mas também vem na sequência de outros eventos que na Faculdade de Letras do Porto projectaram a literatura brasileira, entre os quais há que relevar a sessão que em Maio de 1985 juntou os escritores J. J. Veiga, José Paulo Paes, Ignácio de Loyola Brandão, Julieta de Godoy Ladeira, Moacyr Scliar, Adélia Prado, Nélida Piñon, João Antônio, Sinval Medina, Ivan Ângelo, o colóquio que, para celebrar os 500 anos do descobrimento do Brasil, em Junho de 2000 reuniu cerca de 50 escritores portugueses e brasileiros, entre os quais Ferreira Gullar, Ivan Junqueira, Carlos Nejar, Ildásio Tavares, João Gilberto Noll, João Almino, Rubens Figueiredo, Milton Hatoum, Ana Miranda, Antônio Carlos Secchim, Bernardo Carvalho, Alexei Bueno, e o colóquio que em Outubro de 2002 celebrou – em colaboração com a Universidade de Lisboa e a Universidade de Coimbra - o centenário do nascimento de Carlos Drummond de Andrade.

Não será muito, talvez; mas convirá lembrar que os apoios para esses eventos – com excepção do colóquio de 2000 – foram exclusivamente portugueses; e que nunca foi possível contratar mais do que dois docentes para a cadeira ou cadeiras (I e II) de Literatura Brasileira, que aliás sempre atraíram muitos alunos. Por razões sociais e curriculares, que também prejudicam a própria literatura portuguesa, é quase certo que nos próximos anos passará a haver bem menos alunos de literatura brasileira nesta e noutras universidades. Bom seria que este Congresso contribuísse logo de alguma maneira para impedir tal recuo.

Porque o pretexto deste Congresso foi justamente a celebração, já com um pouco de atraso, de 30 anos de ensino oficial de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras do Porto, e de 80 anos de ensino oficial de Literatura Brasileira em Portugal. Deve-se por sinal a um portuense, Alberto de Oliveira – o autor de *Pombos Correios*, o poeta decadentista e amigo de António Nobre, o diplomata que exerceu funções consulares no Brasil – a ideia, pela qual em 1915 se bateu com êxito, da criação na Universidade de Lisboa de uma “cadeira de história,

geografia e literatura brasileiras”, cadeira que em princípio deveria ser regida por um qualificado brasileiro. Mas muito por culpa da Guerra e da Academia Brasileira de Letras, que se comprometera a indicá-lo, ou dos próprios escolhidos – de Miguel Calmon a Coelho Neto –, essa cadeira só em 9 de Junho de 1923 foi inaugurada por Oliveira Lima, um historiador pernambucano que era filho de um portuense.

Em 1957, a famosa reforma de Leite Pinto desdobrou a cadeira em História do Brasil e Literatura Brasileira. E da regência desta se encarregou então Vitorino Nemésio, que tanto a prestigiou. A mesma reforma estimulou a criação de outra cadeira na Universidade de Coimbra, em 1960, e na Universidade do Porto, em 1972, três anos depois da criação do curso de Letras. Após o 25 de Abril, outras universidades acharam por bem criar a cadeira de Literatura Brasileira: a Universidade Nova de Lisboa em 1978, a dos Açores em 1979, a Católica de Braga (Faculdade de Filosofia) em 1981, a de Aveiro em 1982, a Católica de Viseu em 1983, a de Évora em 1987, a do Minho em 1991, a Aberta de Lisboa em 1994, a da Madeira em 1997...

Neste Congresso pudemos reunir, com o apoio exclusivo do Departamento de Estudos Românicos da Faculdade de Letras do Porto e da Reitoria da Universidade do Porto, quase todos os que nos últimos anos ensinaram ou ensinam Literatura Brasileira em Portugal, aos quais quisemos associar alguns jovens estudiosos e também o escritor Bernardo Carvalho, que nos parece um excelente representante da excelente literatura que hoje se escreve no Brasil.

Por singular coincidência, este Congresso realiza-se na mesma semana em que se iniciou em Portugal o processo de legalização de 30 mil brasileiros “ilegais”, e em que foram “resgatadas” 40 mulheres brasileiras que trabalhavam em Bragança e arredores. Se nunca como hoje houve tantos brasileiros em Portugal (fala-se em 80 mil, ou em 100 mil), se nunca como hoje houve tantos portugueses a viajar para o Brasil (e já não como emigrantes pobres, mas como turistas, ou até como trabalhadores qualificados e como empresários), bom seria que se

concedesse mais dignidade ou mais espaço à cultura e à literatura brasileiras tanto nas universidades como nos *media*, que de modo algum correspondem ao esforço de estudiosos e de editores como Campo das Letras, Cotovia, Quasi, Caminho, etc.

Nós não queremos que em Portugal só se valorize a telenovela, a música e o futebol brasileiros, ou quaisquer outros produtos desses por que se batem os magníficos contabilistas do Mercosul ou da União Europeia. Nós não concebemos que Portugal seja apenas uma porta ou um porto do Brasil para a Europa. Nós entendemos que Portugal deve ser também “casa” dos brasileiros, pátria comum na língua e na cultura, uma cultura que não coloca o lucro acima da solidariedade social, da dignidade humana e da alegria de viver.

Nós desejamos que a literatura brasileira entre e circule sem obstáculos em Portugal, convictos das vantagens do seu diálogo permanente com a

literatura portuguesa, tanto nas semelhanças quanto nas diferenças, tanto nas imitações quanto nas rupturas; nós acreditamos que desse diálogo beneficiarão portugueses e brasileiros, que verão enriquecido o seu vocabulário, desenvolvidas as suas capacidades expressivas, estimulada a sua imaginação e a sua criatividade, reforçada a sua presença cultural no mundo.

Dizia Drummond que não podia conceber um escritor brasileiro que não conhecesse a literatura portuguesa. Eu diria também o inverso: não posso conceber um escritor – um intelectual – português que não conheça a literatura a que pertencem o próprio Drummond e Machado de Assis, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector.

A causa da literatura brasileira será sempre uma causa da literatura em português, uma causa da língua portuguesa – uma causa de Portugal.

